

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

Ansiedade em face da morte em Agentes Funerários

LUÍS JOSÉ LOURENÇO DE MATOS CABO

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Ramo de Psicoterapia e Psicologia Clínica

COIMBRA, 2014



Ansiedade em face da morte em Agentes Funerários

LUÍS JOSÉ LOURENÇO DE MATOS CABO

Dissertação de Mestrado apresentada ao ISMT para a Obtenção do Grau de
Mestre em Psicologia Clínica

Ramo de Psicoterapia e Psicologia Clínica

Orientador: Professor Doutor Carlos Manuel da Cruz Farate

Coorientadora: Professora Doutora Margarida Tenente dos Santos Pocinho

Coimbra, Setembro 2014

Agradecimentos

Este foi para mim um enorme desafio, que só consegui ultrapassar com a ajuda de muitos. Importa assim, recordar todos aqueles que de alguma forma foram marcantes nesta minha etapa de vida.

Ao Professor Doutor Carlos Farate, expresso o meu agradecimento pela orientação e apoio.

Não posso deixar também de expressar um reconhecimento muito especial à Professora Doutora Margarida Pocinho.

O meu sincero agradecimento à Direção Geral da Servilusa, Agências Funerárias que permitiu a realização da presente investigação. Aos colegas da Servilusa que se disponibilizaram a participar neste estudo.

Um agradecimento muito especial ao MESTRE Dr. Victor Sebastião pela disponibilidade, e presença constante no decorrer destes dois últimos anos do meu percurso. É para mim um exemplo que me esforço por seguir.

Agradeço aos amigos, também professores e colegas pela disponibilidade e pelo permanente incentivo dado no decorrer desta tarefa.

À minha mãe meu exemplo de vida, tudo o que sou e que tanto gostaria que pudesse testemunhar a consecução deste meu objetivo.

À minha companheira e mulher, pela presença ativa, incentivo e compreensão desde sempre, mas principalmente durante todo este percurso académico.

A todos o meu bem hajam!

Resumo

Ao pensar na morte há um reconhecimento da vulnerabilidade humana e da própria fragilidade da vida. A morte é universal, mas experienciada de uma forma individualizada por cada um de nós, a partir da personalidade, experiências de vida, variáveis pessoais, idade, sexo, religião. Vivenciar a morte e o morrer poderá conduzir a sensações de medo e ansiedade.

Os agentes funerários que lidam diariamente com a morte e com o “luto” (do corpo morto e dos familiares em relação ao ente querido que perderam) poderão estar expostos a sentimentos de ansiedade depressiva pela ativação diária do confronto com a própria morte, ou com a morte de pessoas a quem estão intimamente ligados.

É objetivo deste estudo avaliar os níveis de ansiedade em face da morte em agentes funerários, e ainda explorar a eventual associação entre fatores sociodemográficos e profissionais selecionados e esta variável. A amostra é composta por 60 sujeitos de uma empresa funerária em Portugal.

Os instrumentos psicométricos utilizados foram a Escala de Ansiedade face à Morte (DAQ), e um questionário sociodemográfico desenhado para o presente estudo.

Os resultados globais mostram que os Agentes Funerários apresentam níveis de ansiedade face à morte estatisticamente significativos ($M = 35,88$; $DP = 9,02$).

O género, a idade, religião, anos de experiência, estado civil, terem filhos, ter morrido alguém próximo ou significativo, especificidade de trabalho: ser comercial ou operacional o número de contatos, não marcam significativamente a forma como os sujeitos em estudo percecionam a sua ansiedade em face da morte.

Os níveis de ansiedade aumentam entre aqueles que não tiveram formação específica para lidar com estas situações.

Palavras-chave: Morte; Agentes Funerários; Ansiedade face à morte

Abstract

When thinking about death there is recognition of human vulnerability and fragility of life itself. Death is universal but experienced individually by each of us, through personality, life experiences, personal variables, age, sex, religion. Experiencing death and dying can lead to feelings of fear and anxiety.

Funeral Agents who daily deal with death and with the "mourning" (the dead body and the family of the deceased) may be exposed to feelings of depressive anxiety activated by the daily confrontation with death itself or death of people who are close to them.

The aim of this study is to assess the levels of anxiety in Funeral Agents when facing death, and also explore the eventual association of social-demographic and professional factors with this variable. The sample consisted of 60 subjects of a Portuguese Funeral company.

The instruments used were the Death Anxiety Questionnaire (DAQ) and a social-demographic questionnaire designed for the present study.

The overall results show that Funeral Agents present anxiety levels statistically significant when facing death ($M = 35.88$, $SD = 9.02$).

Gender, age, religion, years of experience, marital status, having children, the death of someone close or important, and the specificity of the job (commercial or operational agent), the number of contacts, show no statistically significant association with anxiety when facing death.

However, the levels of anxiety increase among those who had had no specific formation to deal with these situations.

Keywords: Death; Funeral Agents; Anxiety facing death

Introdução

“Temo a morte, mas sei que se tentar fugir-lhe, estarei a correr na sua direção”

José Luís Peixoto

Ao longo dos tempos o paradigma da morte foi sendo alterado. Até ao século XIX, morria-se em casa, “às claras” numa cerimónia familiar, com grande proximidade, criando-se assim alguma familiaridade com a morte. Passou-se mais tarde a lidar com os ritos funerários de uma forma diferente: “... Os ritos da morte eram aceites e cumpridos duma maneira cerimonial...mas sem carácter dramático, sem movimento de emoção excessivo” (Ariès, 1989, p. 24).

Mais tarde, por volta do século XIX, há uma alteração na forma de ver e lidar com a morte. É o outro que morre, a morte “desloca-se” do sujeito para o outro, é vista de fora e afasta-se o pensamento da morte do próprio, passando a praticar-se um novo movimento de culto e peregrinação em direção aos túmulos e cemitérios (Barros, 1999).

A partir dos anos 30 do século passado “a morte tornou-se verdadeiramente vergonhosa, não familiar e interdita, ocupando o lugar antes destinado ao sexo” (Gorer citado por Barros, 1999, p. 52-53).

A morte tornou-se socialmente inconveniente a partir do momento em que começa a ser percebida como uma “rotura” ou negação do “estar bem”. O interdito da morte está pois “fundado numa cultura urbanizada, dominada pela busca da felicidade ligada ao lucro e a um crescimento económico rápido” (Ariès, 1989, p. 95).

Com o avanço da ciência, há um aumento da esperança média de vida, podendo os doentes permanecer ligados às máquinas, em “vida” vegetativa, por períodos muito longos, alterando desde logo a forma como o moribundo e a própria família se podem preparar para o momento final. Com o progresso científico e o avanço das ciências biomédicas, nas últimas décadas, a par de uma vertiginosa evolução dos conhecimentos clínicos no tratamento e na cura de doenças, verificamos que não existe lugar, na vida do homem moderno, para pensar na sua própria morte.

O homem pensa a morte na terceira pessoa, é o outro que morre, nunca o próprio. Mas quando de alguma forma é colocado perante a possibilidade da sua própria morte, e da morte de alguém que faz parte da sua intimidade, o tema assume outra forma.

A consciência da morte traz ao ser humano a angústia da sua finitude. Para o homem “a maior angústia é a angústia da morte” (Schopenhauer, 2000, p. 63).

Quanto mais progredem os conhecimentos científicos, maior é o receio do confronto com a realidade da morte, o que conduz por vezes a que se institua uma quase negação da ideia da morte, sublimada não raro na projeção para o futuro do legado pessoal do defunto. Ao negarmos a realidade da morte, por vezes formulamos as perguntas: temos mesmo que morrer? Porque temos que morrer?

Por outro lado, Leis (2000, citado em Campelos, 2006) chama a atenção para a “privatização institucional da morte” : morre-se só, o hospital informa mecanicamente a família por telefone e os rituais de preparação do corpo são conduzidos por agências funerárias.

Segundo Elias (2001, p. 11) “na verdade não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas aos seres humanos”. “As atitudes dos vivos perante a morte são “apreendidas”, adquiridas pelo grupo, influenciadas pela sua cultura, pela história, pela economia e pela religiosidade; mudam de acordo com os diferentes grupos e com cada estágio do desenvolvimento social” (Horochovski, 2008).

A morte é hoje sinónimo de rotura dolorosa ou de negação do “estar bem”. Evita-se falar nela e de quaisquer emoções que lhe estão associadas, funcionando o silêncio como uma defesa psíquica de referência.

A morte é um assunto que causa constrangimento. Kovács (1992, p. 38) salienta que “o século XX traz a morte que se esconde, a morte vergonhosa, como fora o sexo na era vitoriana. A morte não pertence mais à pessoa, tira-se a sua responsabilidade e depois sua consciência. A sociedade atual expulsou a morte para proteger a vida” (Horochovski, 2008).

Seja como for o “tema da morte foi sempre um tema atual, porque faz parte da vida, e o pensar nela pode dar mais qualidade à própria vida, aventura grandiosa, e ao mesmo tempo tão frágil” (Barros, 1999), o que nos deixa presos nesta inevitabilidade, e ao mesmo tempo nesta incapacidade de a pensar, como “constituente natural da vida, porque o pensar no sentido tanto da vida como da morte, conduz à maturidade e ao equilíbrio” (Barros, 1998, p. 18).

Apesar de a morte fazer parte da existência do ser humano, a sociedade tenta escondê-la com o risco colateral de esconder e a desvalorizar a própria vida, já que “dessacralizando a vida e a morte, caímos no nada, na solidão, no desespero” (Barros, 1999).

Esta nossa forma cultural de encarar a morte, e a percepção da sua inevitabilidade, convoca imagens negativas e perturbadoras que, segundo Rebelo (2004, citado em Campelos, 2006), “evocam sentimentos de medo e de ansiedade, ansiedade esta que poderá ter repercussões no bem-estar global do indivíduo”.

O medo da morte é visto como o expoente maior dos medos. Segundo Morin (1988) o medo da morte representa o temor que existe no Homem pela “porta” que conduz ao desconhecido, por tudo aquilo que se esconde para lá da escuridão, medo de uma morte que, aos olhos do indivíduo, se revela como definitiva e determinante para a sua vida.

Na Psicologia, a reação do sujeito à morte tem sido abordada segundo os dois eixos afetivos que estruturam a vida psíquica: Ansiedade e Depressão.

Desde sempre que a emoção básica medo e o estado afetivo ansiedade, são muito frequentemente ligados ao tema da morte.

Shulz (1979, citado em Copp, 1994) salientou que a apreensão evocada nos pensamentos acerca da morte e do morrer tem, simultaneamente, propriedades de medo e de ansiedade. Para além disso, uma ansiedade existencial adicional pode advir da capacidade que o homem tem de refletir acerca do sentido da vida e da morte, pelo que a maneira como vemos a morte e a forma como lidamos com a ansiedade da morte pode afetar profundamente todos os aspetos das nossas vidas quer positiva quer negativamente (Wong, 2002).

Diversos “rótulos” verbais são utilizados para descrever um estado emocional desagradável de apreensão ou tensão, acompanhado por sintomas de ativação fisiológica, como, por exemplo, palpitações, dificuldades em respirar, tonturas, suores, sensações de calor e frio ou tremores, desencadeados por uma ameaça real ou antecipada (Baptista, 1988 citado em Baptista, Carvalho, & Lory 2005).

Apesar da emoção medo e do estado afetivo ansiedade serem muitas vezes considerados sinónimos, a presença ou ausência de estímulos desencadeantes externos, bem como o comportamento de evitamento, poderão diferenciar clinicamente estes dois estados, já que o medo é a condição da ansiedade.

Mesmo que numa perspetiva algo diferente, Vaz Serra (1980) considera que “a ansiedade é valorizada como uma emoção ou como um impulso ou mesmo como uma resposta emocional. Daí que seja interpretada como força desencadeadora de alguns comportamentos; como resposta emocional a estímulos; como impulso desagregador de comportamentos adequados e, em alguns casos, como uma simples emoção ou ainda como um traço típico específico que caracteriza uma personalidade.”

Assim, a emoção medo é desencadeada por um estímulo externo, identificável pelo sujeito, que induz comportamento de fuga ou de evitamento, enquanto a ansiedade é um estado afetivo para o qual nem sempre são identificados fatores externos desencadeadores.

Há contudo perspectivas integradoras da emoção medo e do estado afetivo ansiedade.

Belsky (1999) define ansiedade em face da morte como um conjunto de pensamentos, medos e emoções sobre esse momento final da vida que o indivíduo experiencia nas condições normais de vida.

Barros (1998, p. 190) diz que na verdade, é difícil de definir o que é ansiedade face à morte, mas entende “ a ansiedade como um medo, mais difuso, enquanto o medo é mais concreto” daquilo que rodeia o ato próximo de morrer e do que eventualmente acontecerá para além da morte.

Segundo Fry, (2003 citado em Campelos, 2006), a ansiedade da morte passa por um conjunto de medos que se relacionam com o medo da própria morte, da morte dos outros, do desconhecido depois da morte, e da obliteração associada ao processo de morrer.

Têm sido realizados vários estudos, no sentido de procurar entender e mensurar os níveis de ansiedade de algumas classes profissionais, que lidam diretamente com pacientes em iminência de morte, ou com familiares de pessoas falecidas. A maior parte destes estudos incide em profissionais de saúde - tanto médicos como enfermeiros - e concluem um aumento dos níveis de ansiedade por parte destes profissionais (Feifer, 1969, Neimeyer & Dingemans, 1980; Popoff, 1975).

A literatura sobre este tema aborda igualmente a correlação entre ansiedade e variáveis como idade, género, sentido de vida, religião e personalidade.

Em termos das variáveis estudadas, a idade é uma das mais frequentemente referidas e aparece como aquela que tem associação mais significativa com a ansiedade em face da morte.

A maior parte dos estudos iniciais concluía que este tipo de ansiedade seria mais elevado na população idosa (Belsky, 1999). No entanto, alguns estudos apresentavam, e ainda apresentam, resultados contraditórios. Assim Feifel, (1956, citado em Campelos, 2006), conclui que os idosos apresentam níveis mais baixos de ansiedade em face da morte quando comparados com os jovens. Também Rebelo (2004, citado em Campelos 2006), conclui que a ansiedade perante a morte vai sendo menor à medida que vamos avançando na idade.

Estudos realizados por outros investigadores chegam a conclusões que vão no mesmo sentido, isto é, concluem que os idosos sentem menor ansiedade em face da morte quando

comparados com os mais novos (Kastenbaun & Aisenberg, 1972; Foster & Gogan, 1976; Oliveira, 1998, citados em Campelos, 2006).

Estes autores avançam, de um modo geral, duas razões principais para este facto: primeiro, que a aceitação gradual da morte com o avançar da idade e da maturidade e, segundo, que para alguns idosos o medo da vida pode ser maior que o medo da morte, já que muitos deles experimentam isolamento social, preocupações financeiras e problemas físicos relacionados com a idade que aumentam a sua insatisfação com a vida.

O género é também uma das variáveis mais avaliadas, não havendo consenso em relação a resultados. Se alguns estudos concluem que o género feminino tem resultados significativamente mais elevados na ansiedade face à morte (Templer, Ruff & Franks, 1971; Lester, 1972; Oliveira, 2002; DePaola, Griffin, Young & Neimeyer, 2003), outros mostram não haver diferença significativa entre homens e mulheres em relação a esta variável (Fortner & Neimeyer, 1999; Thorson & Powell, 1991).

A variável religião tem sido também estudada no sentido de tentar entender se pessoas religiosas e não religiosas têm variações na intensidade da ansiedade em face da morte.

Os resultados não são de todo conclusivos, dado que alguns estudos apontam para a possibilidade de pessoas com determinada crença religiosa terem mais medo da morte (Feifel & Branscomb, 1973) do que os que não têm nenhuma crença religiosa, enquanto outros estudos concluem que a ansiedade em face da morte é menor em pessoas religiosas (Jeffers, Nichols, & Eisdorfer, 1961 citados em Clements, 1998).

Numa meta-análise clássica, Fortner e Neimeyer (1999), concluíram que a ansiedade perante a morte não estava significativa e consistentemente associada com alguma destas 3 variáveis.

No que diz respeito à população em estudo nesta investigação, os agentes funerários, de acordo com a Classificação Portuguesa de Profissões de 2010 (anexo 1), estão inseridos no grande grupo 5 - Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores, (subgrupo 516 - outros trabalhadores dos serviços pessoais, subgrupo 5163 - agentes funerários e embalsamadores e grupo base 5163.1: Agentes funerários).

As tarefas e funções do agente funerário consistem, particularmente, em: organizar funerais e transladações, contactar a família do defunto e informar-se do tipo de funeral pretendido; recolher dados sobre o defunto para publicar avisos fúnebres, obter alvarás de

transladação ou outros documentos; colaborar na escolha da urna, sepultura, flores e na organização do serviço religioso; dar instruções aos auxiliares sobre o serviço fúnebre a efetuar.

Na classificação Nacional de Profissões de 1994 havia um outro grupo referenciado como 5.1.4.3.90 – Outros Agentes Funerários e Trabalhadores Similares, onde estavam incluídos os agentes funerários e trabalhadores similares que não estão classificados em outra parte “que executam tarefas relacionadas com a inumação e a exumação de restos mortais, lavam e vestem o cadáver e promovem a melhoria da aparência das pessoas. Na nova classificação de 2010, este conjunto de profissionais aparece em parte do grupo base 5163.1. (Instituto Nacional de Estatística, 2010).

Assim na prática existem dois grupos de profissionais classificados como Agentes Funerários: os que organizam e que têm, ou podem ter contacto presencial com o defunto, mas que lidam principalmente com a “família” enlutada, e os que lidam com o corpo de forma a poder dar melhor aparência, que colocam o corpo no caixão e operacionalizam a cerimónia fúnebre.

Os técnicos e os agentes funerários lidam com o após morte ao invés dos profissionais de saúde que lidam com o processo de fim de vida. Nesta perspetiva, os profissionais da área de saúde têm por missão prolongar a vida, obviar a morte, enquanto os agentes funerários têm por missão lidar com o falecido e com a família, sendo perante a morte que começa verdadeiramente o seu trabalho. Em suma, os profissionais do setor funerário lidam concomitantemente com o processo de morte e com o processo de gestão do “luto”.

Dittmar (1991) conclui que o contato com o corpo morto despoleta sinais de tensão, dores de cabeça, dificuldade em dormir, dificuldade em alimentar-se, dificuldade em tomar decisões, em pensar com clareza, e cansaço permanente e pensamentos depressivos.

Noutro estudo os agentes funerários são identificados como um grupo exposto a impactos emocionais que podem causar sinais de *stress* psicossomático ou doença psíquica (Kroshus, Swarthout & Tibbetts, 1995).

Finalmente este estudo tem como objetivo avaliar os níveis de ansiedade em face da morte em agentes funerários, tentando perceber quais os fatores sociodemográficos e profissionais que poderão estar associados a esta variável.

Este objetivo é operacionalizado através das seguintes hipóteses de investigação:

H 1 – Os agentes funerários do género feminino apresentam maiores níveis de ansiedade em face da morte que os do género masculino;

H 2 – Os agentes funerários mais jovens apresentam maior ansiedade em face da morte do que os mais velhos;

H 3 – Agentes funerários com que dizem ter uma religião sentem menos ansiedade em face da morte que os que não têm;

H 4 – Agentes funerários casados sentem maior ansiedade em face da morte que os solteiros;

H 5 – Agentes funerários com filhos sentem maior ansiedade em face da morte;

H 6 – A formação profissional adequada, reduz os níveis de ansiedade em face da morte;

H 7 – Os técnicos operacionais têm níveis mais elevados do que os técnicos comerciais;

H 8 – A ansiedade em face da morte dos agentes funerários depende do fato de terem experienciado uma perda pessoal significativa, pela morte de alguém a quem estavam intimamente ligados;

H 9 – A ansiedade em face da morte dos agentes funerários depende da forma como avaliam a sua capacidade de lidar com a perda de alguém a quem estavam intimamente ligados.

Metodologia

Tipo de estudo

Trata-se de estudo exploratório, transversal e correlacional.

População em estudo

Participaram no estudo 60 profissionais da empresa referenciada, tendo em conta a sua qualificação profissional: técnicos comerciais e técnicos operacionais.

Relativamente a critérios de inclusão foi dada prioridade àqueles cuja atividade profissional exija o contato com o falecido e com a sua família.

Trata-se de uma amostra de conveniência composta por 60 profissionais com as seguintes funções: (1) técnico comercial que contata com a família no sentido de efetuar a preparação e dinamização do ritual funerário contratado e (2) técnico operacional que contata com o corpo do falecido, a fim de efetuar a sua preparação para as exéquias fúnebres (3) outros técnicos de apoio à área comercial.

Variáveis em estudo

Variáveis Independentes

As variáveis independentes são aquelas que o investigador pretende manipular. No presente estudo serão consideradas as seguintes variáveis independentes: género, idade, local de trabalho, anos de experiência, formação profissional, morte de alguém significativo, avaliação de *stress* e número de contatos com falecidos.

Variáveis Dependentes:

As variáveis dependentes são as observadas e medidas pelo investigador. No presente estudo é variável dependente a ansiedade dos profissionais do setor funerário em face da morte.

Instrumentos de recolha de dados

Questionário Sociodemográfico

Questionário sociodemográfico e profissional (anexo 2) que inclui os seguintes indicadores: idade, género, residência, nacionalidade, religião, habilitações académicas, estado civil,

existência de filhos, frequência de formação profissional/especializada específica ao contexto funerário, níveis de exposição aos cadáveres, tempo de serviço, níveis de contacto com o sofrimento dos familiares dos falecidos, tipo de morte dos falecidos (natural/acidental/doença/suicídio/homicídio), existência de algum tipo de falecimento de alguém significativo para o próprio e respetivo impacto, e capacidade em lidar com os problemas.

Death Anxiety Questionnaire (DAQ)

Escala de Ansiedade face à Morte de Conte, Weiner e Plutchic (1982), adaptado por Simões e Neto (1994) e readaptado por Barros (1998), (anexo 3), que se destina à avaliação da ansiedade face à morte e é constituída por 11 itens, todos eles formulados na primeira pessoa, com frases afirmativas e não interrogativas, organizadas em formato tipo *Likert* com 5 modalidades de resposta, variando do “totalmente em desacordo” ao “totalmente de acordo”.

A pontuação mínima no questionário é de 11 pontos, a que corresponde uma ansiedade muito baixa face à morte e a máxima de 55 pontos, que tem uma interpretação oposta.

A consistência interna da escala foi verificada através do coeficiente Alfa de Cronbach e tem um valor de 0,86 no total de quatro amostras de ambos os estudos de validação (duas amostras de alunos portugueses do secundário e universitário 0,86 e 0,88; duas amostras de alunos cabo-verdeanos do ensino secundário e superior, 0,84 e 0,85).

A escala original incluía cinco fatores: medo do desconhecido, medo do sofrimento, medo da solidão, medo da extração pessoal e um quinto fator sem designação específica.

Do trabalho de Simões e Neto (1994) aquando da adaptação à população portuguesa, resultou que a escala ficasse somente com três fatores, e mais tarde, numa nova readaptação por Barros (1998) passou a ser uma escala unifatorial, pelo recurso à análise fatorial exploratória (AFE) em componentes principais.

Ética da investigação em ciências sociais e humanas

A fim de respeitar os princípios e normas do “consentimento informado” foi solicitada a autorização à Direção da Empresa Servilusa S.A. e individualmente a cada um dos profissionais contactados (anexo 4).

Foi também pedida autorização ao Professor Doutor José Barros-Oliveira (anexo 5), autor da readaptação da Escala de Ansiedade Face à Morte para a sua utilização neste estudo.

Conflitos de interesse: o responsável pelo estudo é também funcionário da Servilusa Agências Funerárias S.A. embora não na categoria profissional dos questionados.

Análise das características psicométricas do DAQ

Fidelidade

Por fidelidade entende-se o grau de confiança ou de exactidão que obtemos através do questionário. A fidelidade pode referir-se à estabilidade ou constância dos resultados, que pode ser medida através do método do teste-reteste, ou à consistência interna (Almeida & Freire, 2003).

A consistência interna refere-se à variação nas respostas ao questionário como resultado de diferenças individuais, de opiniões diversificadas sobre determinado assunto (Pestana e Gageiro, 2005). Esta é fornecida pelo Alfa de Cronbach, quando se trata de variáveis ordinais (Almeida & Freire, 2003). Através da análise da consistência interna dos resultados, verifica-se que a escala global (11 itens) apresenta uma consistência de 0,876. Da análise feita ficou também demonstrado que não há nenhum item que retirado aumente a consistência interna (anexo 6).

O Alfa de Cronbach varia entre 0 e 1, sendo tanto melhor quanto mais próximo da unidade. A consistência interna é classificada pelo valor do alfa. Com um alfa inferior a 0,6, esta é inaceitável. É fraca quando o alfa assume um valor entre 0,6 e 0,7; razoável para um alfa entre 0,7 e 0,8; boa quando o alfa está entre 0,8 e 0,9; e, muito boa quando o valor do alfa é superior a 0,9 (Pestana & Gageiro, 1998).

Tabela 1. Fidelidade do DAQ

Instrume nto	Nº Itens	alpha de cronbach (n=60)
DAQ	11	0,876

Alfa de Cronbach de 0,876, o que significa uma boa consistência interna.

Caraterização sociodemográfica da amostra

A amostra inicial era constituída por 62 agentes funerários. Foram excluídos 2 profissionais por não terem nacionalidade portuguesa e esse facto poder influenciar a sua reação face à morte, por razões culturais. Do grupo final de 60, 42 (70%) são do género masculino e 18 (30%) do feminino.

Tabela 2. Caraterísticas sociodemográficas dos participantes

Género	Masculino	42 (70%)
	Feminino	18 (30%)
Idade (média)		38,84
	21-30	6 (10%)
	31-40	28 (47%)
	41-50	17 (28%)
	51-60	9 (15%)
Atividade	Comercial	38 (63%)
	Operacional	18 (30%)
	Outra	4 (7%)
Estado Civil	Solteiro	10 (17%)
	Casado/UF	38 (63%)
	Divorciado	12 (20%)
Religião	Sim	46 (77%)
	Não	14 (23%)
Filhos	Sim	50 (83%)
	Não	10 (17%)

Tabela 3. Caracterização

Formação setor funerário	Sim	30 (50%)
	Não	30 (50%)
Quem perderam	Pai/mãe	21 (35%)
	Outro familiar significativo	32 (53%)
	Amigo/colega	7 (12%)
Como avaliam capacidade de lidar com a perda	Má	2 (3%)
	Medíocre	6 (10%)
	Satisfatório	27 (46%)
	Boa	24 (41%)

Resultados

Em função da pequena dimensão da amostra, foram seleccionados os seguintes critérios de relevância estatística na interpretação dos resultados:

$p < 0,01$: muito significativo;

$p 0,01 - 0,05$: significativo;

$p 0,05 - 0,1$: tendencialmente significativo.

Para analisar a distribuição da ansiedade em face da morte dos profissionais, recorreu-se ao teste Kolmogorov-Smirnov.

Tabela 4. Ansiedade em face da morte

Estatística descritiva				
	N	Média	Desvio padrão	Erro padrão da média
DAQ	60	35,88	9,02	1,16

Kolmogorov-Smirnov ^a			
	Statistic	df	Sig.
DAQ	,109	60	,071

Como se pode observar os dados recolhidos têm distribuição normal ($p > 0,05$) que vai permitir usar teste paramétricos, sempre que necessitarmos de trabalhar esta dimensão.

A média encontrada foi de 35,88 com desvio padrão de 9,02, o que pode então significar que os agentes funerários sofrem de níveis significativos de ansiedade em face da morte.

Para se testar a hipótese 1, de poder haver diferenças de ansiedade em face da morte em função do género utilizamos o teste t. Os resultados podem ser observados na tabela 5.

Tabela 5. Teste t student para a Ansiedade em função do Género

	Género	N	Média	Desvio Padrão	p
DAQ	Masculino	42	35,78	9,19	,899
	Feminino	18	36,11	8,88	

No nosso estudo não ficou demonstrado que houvesse diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres, não ficando assim confirmada a primeira hipótese.

A segunda hipótese relacionava idade com ansiedade em face da morte, avançando a possibilidade de os agentes funerários mais novos apresentarem níveis de ansiedade maiores do que os mais velhos.

Tabela 6. Ansiedade em face da morte e a idade

DAQ			
Idade	R	,158	
	P	,229	

A tabela mostra os resultados da correlação entre estas duas variáveis o que nos leva a rejeitar esta hipótese.

Também se pretendia saber se a religião aparece como marcador de diferenças significativas na forma como estes profissionais percebem a ansiedade em face da morte (Tabela 7).

Tabela 7. Religião e Ansiedade em face da morte

	Religião	N	Média	Desvio Padrão	<i>p</i>
DAQ	não	14	34,79	9,40	,607
	sim	46	36,21	8,98	

Ao contrário do que se esperava, e como se pode observar pela consulta à tabela 7, a religião não interfere com a Ansiedade em face da morte.

As hipóteses 4 e 5 implicavam testar se o estado civil e o facto de terem filhos, influenciava a ansiedade em face da morte nestes profissionais (Tabelas 8 e 9).

Tabela 8. Estado civil e Ansiedade em face da morte

	N	Média	Desvio Padrão	<i>p</i>
solteiro	10	39,50	7,47	,387
casado/ UF	38	35,21	9,10	
divorciado	12	35,00	9,88	

O teste ANOVA para o estado civil, e o *t de student* para progeneritura dão os resultados apresentados na Tabela 9.

Tabela 9. Progenitura e Ansiidade em face da morte

	Tem Filhos	N	Média	Desvio Padrão	p
DAQ	não	10	35,70	9,79	,945
	sim	50	35,92	8,96	

Não fica também provado que o estado civil e o facto de terem ou não filhos influenciem a ansiidade em face da morte nestes profissionais.

Foi também hipotetizado (hipótese 6) que o facto de os profissionais beneficiarem de formação profissional pode reduzir os níveis de ansiidade em face da morte.

Tabela 10. Formação profissional

	Formação S	Funerário N	Média	Desvio Padrão	p
DAQ	não	30	33,86	10,11	,083
	sim	30	37,90	7,41	

A consulta aos resultados permite concluir que os funcionários que tiveram formação apresentam maiores níveis de ansiidade em face da morte do que os que não tiveram formação.

Também a hipótese 7 não é confirmada pelos resultados da análise estatística efetuada, isto é não existe variação significativa da variável dependente em função do tipo de atividade: comercial ou operacional dos participantes.

Tabela 11. Ansiidade em face da morte por atividade.

	N	Média	Desvio Padrão	p
Comercial	38	35,37	8,77	,408
Operacional	18	35,67	10,12	
Outros	4	41,75	4,72	

Tabela 12. Ansiedade em face da morte em função de falecimento de pai/mãe, outro familiar significativo, colega ou amigo.

	N	Média	Desvio Padrão	<i>p</i>
pai/mãe	21	37,52	8,27	
outro familiar significativo	32	35,44	9,41	,845
amigo	7	33,00	9,73	

A hipótese 8 também não é confirmada, já que os níveis de ansiedade não variam significativamente em função do confronto com a experiência pessoal de perda por morte de familiar significativo ou de amigo/colega.

Finalmente a hipótese 9 referia-se à correlação entre a variável dependente e a forma como os participantes avaliam a sua capacidade em lidar com a perda.

Tabela 13. Forma como avaliam a sua capacidade de lidar com a perda

	N	Média	Desvio Padrão	P
má	2	45,00	4,24	
mediocre	6	29,17	12,12	
satisfatório	27	36,18	8,25	,153
boa	24	36,08	8,74	

Também a forma como avaliam a sua perda não tem correlação com a forma como percebem a ansiedade em face da morte.

Discussão e conclusões

As agências funerárias e os seus profissionais assumem o resolver de todas as questões que aconteciam anteriormente nas casas dos falecidos e eram tratadas pela família, e passam a ser “responsáveis” pelas cerimónias fúnebres.

Mesmo se as famílias continuam a sofrer, os profissionais funerários são provavelmente as únicas pessoas não emocionalmente ligadas à família a estarem presentes e a ajudar na difícil decisão do que fazer ao corpo morto. Se ajudam a resolver esta questão, são também e ao mesmo tempo os responsáveis pelo levar ao destino final aquele ente querido, sendo mediadores desta difícil e dolorosa despedida. Estes profissionais muitas vezes servem de suporte emocional às famílias que recorrem aos seus serviços.

Mas os profissionais são pessoas, pessoas como os outros que levam para cada situação os seus medos, os seus fantasmas, o seu passado, as suas perspetivas de futuro.

Será que estes profissionais, com o passar do tempo, se tornam pessoas menos sensíveis, olhando para a morte como um processo rotineiro e sem grandes implicações psicológicas?

Será que o facto de o seu trabalho começar já com o corpo morto, conduz, ao longo do tempo, a que os processos internos de ansiedade e de medo em face da morte sejam diferentes de outros profissionais, ou da população em geral?

A fim de tentar responder a estas questões realizámos um estudo empírico a fim de tentar compreender como é que estes profissionais avaliam a ansiedade em face da morte e que forma algumas variáveis pessoais podem influenciar a sua reação emocional.

O estudo realizado permite, então, concluir que o *score* médio resultante da aplicação da *Escala de Ansiedade face à Morte* de Conte, Weiner e Plutchic (1982), adaptado por Simões e Neto (1994) e readaptado por Barros (1998) foi de 35,88 com DP de 9,02, idêntica à encontrada noutras amostras utilizando a mesma escala, o que pode significar que mesmo se os agentes funerários sofrem de níveis significativos de ansiedade em face da morte, estes não são muito diferentes relativamente a outros profissionais e populações a que foram aplicadas esta escala (Marques, 2000 - 37,14, com alunos ensino secundário e universitário; Campelos, 2006 - 34,90 para mulheres, e 27,12 para homens, com profissionais da área da saúde, Luís Matos Cabo (luis.matoscabo@gmail.com)

enfermeiros; Santos, 2009 - 38,84, com uma amostra alargada, entre adolescentes, indivíduos até 64 anos, indivíduos com mais de 65 anos, e um grupo clínico de indivíduos com HIV e cancro; Viegas, 2010 - 39,63, com profissionais setor funerário; Fernandes, 2010 - 28, 76, com profissionais da GNR).

Das questões levantadas a primeira dizia respeito ao género, e as conclusões deste trabalho, e com esta amostra, permitem concluir que a média de ansiedade face à morte dos indivíduos do sexo masculino é de 35,78 e dos indivíduos do sexo feminino de 36,11, e pelo *t* de Student, verifica-se que não há diferenças significativas na variável ansiedade face à morte entre os géneros ($t = -0,127; p = .899$).

A literatura é inconclusiva e contraditória no que diz respeito à ansiedade face à morte e o género. Há autores como Templer, Ruff e Franks (1971) e Barros (2002), que concluem que as mulheres têm níveis de ansiedade significativamente mais altos do que os homens. Contudo outros autores não encontram diferenças significativas: Marks (1986), Abdel-Khalek (2002).

No que respeita à idade também não ficou provado que os profissionais mais novos apresentam maior ansiedade em face da morte do que os mais velhos.

A este propósito há, estudos que apontam para a presença de níveis mais elevados de ansiedade perante a morte associados ao envelhecer (Feifel e Branscomb, 1973; Feifel & Nagy, 1980).

Mas, segundo Neimeyer et al. (2004) os idosos apresentam níveis mais baixos de ansiedade do que os jovens.

Outros autores, Kastenbaum & Aisenberg, 1972, Barros (1998 e 2002), concluem também que os idosos sentem menos ansiedade da morte que os mais jovens.

Num outro estudo, Davis et al. (1992, citado em Barros 1998, p.192) concluem “que uma maior maturidade e mais idade correlacionam negativamente com o medo da morte, que diminui à medida que aquelas aumentam”.

Finalmente Barros (2002) conclui que a ansiedade face à morte diminui na idade adulta para de novo aumentar na terceira idade.

Também na nossa amostra há um comportamento idêntico com maior ansiedade em face da morte nos indivíduos mais novos, que volta a ter um ponto alto na meia-idade, descendo a partir daí, para sujeitos de maior idade (anexo 7)

Os anos de experiência também não parecem influenciar significativamente a forma como estes profissionais encaram a ansiedade em face da morte. Pode contudo afirmar-se que

o grupo daqueles que tem mais anos de serviço é o que apresenta maiores níveis de ansiedade em face da morte.

Dado que o tipo de trabalho é substancialmente diferente entre técnicos comerciais e operacionais, sendo que os primeiros lidam essencialmente com as famílias e os segundos principalmente com o tratamento, preparação do corpo, foi avançada a hipótese de que existiriam diferenças nos níveis de ansiedade em face da morte entre estes dois subgrupos de profissionais. Tal não se verificou.

Também não ficou demonstrado neste estudo que a experiência da morte de pai/mãe tivesse impacto significativo na reação emocional destes profissionais à sua atividade quotidiana.

Quanto à formação profissional adequada, e de um modo curioso, verifica-se, neste estudo, que aos funcionários que tiveram formação pontuam mais na ansiedade em face da morte do que aqueles que não tiveram formação.

No que respeita ao impacto da formação na forma como os profissionais da área funerária entendem a ansiedade em face da morte não há trabalhos na área específica da atividade funerária, mas os trabalhos realizados com outros profissionais, também não são consensuais.

Assim, Miles (1980), num grupo de profissionais de enfermagem, constatou que o final da formação implicava uma diminuição significativa da ansiedade perante a morte. Também Lockard (1989), Kaye (1991), Chen (1992), concluíram que os níveis de ansiedade perante a morte diminuía depois de formação nesta área.

Já os resultados da meta-análise realizada por Maglio e Robinson (1994) permitem concluir que a formação provoca um aumento na ansiedade perante a morte, embora também tenham diferenciado este efeito com base na técnica pedagógica utilizada.

Ora, no nosso estudo não foi devidamente especificado o tipo de formação efetuado, muito particularmente se estava esta mais centrada na relação com o defunto, com os familiares, ou com as experiências pessoais de perda e “luto” de entes queridos.

Por outro lado, também poderá acontecer que a abordagem deste tema possa sensibilizar os profissionais ao impacto afetivo junto dos familiares e próximos da pessoa defunta.

A religião na literatura aparece como podendo de alguma forma dar sentido à morte, desde logo porque por princípio quem professa uma religião entende a morte como uma passagem, podendo assim entender a ansiedade em face da morte como menos marcante.

A religião ou a religiosidade é contudo um construto não fácil de articular. Sendo a religião um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos que facilitam a aproximação com o transcendente ou o sagrado (Koenig et al. (2001), a sua prática é vivida de uma maneira muito pessoal, podendo variar para além das diferenças culturais, em diferenças individuais e pode “ser completamente diferente mesmo no âmbito da mesma crença religiosa, daí a dificuldade em se encontrar uma definição que possa ser universalmente aceite” (Fowler, 1995 citado em Santos 2009).

A revisão de literatura sobre a relação entre religiosidade e ansiedade em face da morte efetuada por Neimeyer, Wittkowski e Moser (2004) é inconclusiva. Alguns autores identificam uma relação inversamente proporcional entre o grau de crença religiosa e o medo da morte (ex. Feifel & Branscomb, 1973; Feifel e Nagy, 1981; Hooper & Spilka, 1970), mas outros chegam à conclusão inversa (ex. Templer & Ruff, 1975).

Os resultados deste trabalho de investigação apontam para que não haja diferenças significativas entre aqueles que dizem ter uma religião e os que não têm, no que à ansiedade em face da morte diz respeito.

Conclui-se, assim, que este tema, ansiedade em face da morte, tem sido bastante estudado do ponto de vista psicológico, mas com resultados muito pouco conclusivos.

Refiram-se, como limitações deste estudo, e em primeiro lugar, a relativa escassez de estudos sobre a ansiedade em face da morte realizados junto de profissionais funerários.

Tem também este estudo, à partida a limitação do número da mostra ($n = 60$) e de a realidade da Empresa Funerária onde o mesmo foi feito, não poder ser comparável com outras empresas da mesma atividade, já que a empresa em que o estudo foi realizado investe na formação como forma de desenvolver competências pessoais, interpessoais e comportamentais, como forma de dignificar e profissionalizar o setor funerário em Portugal (Sebastião, 2009).

Também fica a ideia de que, se têm sido equacionadas muitas variáveis que à partida parecem ter influência na perceção da ansiedade em face da morte, os resultados têm sido pouco conclusivos, senão contraditórios, eventualmente devido às diferentes metodologias utilizadas nos estudos em equação (Campelos, 2010).

A este propósito, Barros (1998) afirma que “o medo da morte está correlacionado com muitas variáveis”, mas “parece concluir-se que o medo da morte tem mais a ver com a

personalidade e o sentido de bem-estar”, do que com algumas das variáveis muitas vezes equacionadas.

Tendo sido este um trabalho de índole exploratório, como sua conclusão, acredita-se ter-se conseguido atingir os objetivos propostos, estando contudo conscientes das suas limitações e condicionalismos que se traduzem no tamanho da amostra, no facto de o questionário utilizado não permitir a distinção entre dois conceitos que compõem a ansiedade face à morte: o medo da morte e o medo de morrer ou do processo de morte, e de poderem ter ficado de fora outras variáveis, como por ex. personalidade, sentido de vida, sentido de bem estar.

Fica como desafio para futuras investigações a análise combinada ou em separado, das influências destas variáveis na ansiedade em face da morte.

Não havendo, como foi dito, muita investigação nesta área parece-nos também importante de futuro poderem ser feitos estudos comparativos com amostras de outras atividades profissionais como forma de entender se existe de alguma forma uma cultura própria de cada atividade.

Outra questão importante tem a ver com a formação. Embora não seja específica a esta população parece ser útil pensar na inclusão de uma disciplina de educação tanatológica nas escolas. Importante é também a possibilidade de permitir, através de cursos e *workshops*, que todas as pessoas interessadas, mas principalmente os profissionais que lidam com esta realidade de uma forma mais intensa e diária, possam refletir sobre a temática da morte.

Referências Bibliográficas

Abdel-Khalek, A. (2002). Why do we fear death? The construction and validation of the reasons for death fear scale. *Death Studies*, 26(8), 669-680.

Almeida, L. S. & Freire, T. (2003). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilibrio.

Andrade, T., M. (2007). *Atitudes perante a morte e sentido de vida em profissionais de saúde*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa. Lisboa. Portugal.

Ariés, P. (1988). *Sobre a História da Morte desde a Idade Média*. Lisboa: Teorema.

Ariés, P. (1989). *Sobre a história da morte no ocidente* (2. ed.). Lisboa: Teorema.

Baptista, A. (1988). Ansiedade I: Natureza e classificação. *Revista de Psiquiatria do Hospital Júlio de Matos*, 1, 149-164.

Baptista, A., Carvalho, M., & Lory, F. (2005). O medo, a ansiedade e as suas perturbações. *Psicologia*, 19 (1-2), 267-277. Recuperado em 14 de setembro de 2014, de

http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492005000100013&lng=pt&tlng=pt. .

- Barros, J. (1998). *Viver a morte: Abordagem antropológica e psicológica*. Coimbra: Almedina.
- Barros, J. (1999). Filosofia da educação e educação para a morte. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 33(3), 155-164.
- Barros, J. (2002). Ansiedade face à morte: Uma abordagem diferencial. *Psychologica*, 31, 161-176.
- Barros, J., & Neto, F. (2004). Validação de um instrumento sobre diversas perspetivas da morte. *Análise Psicológica*, 2(12), 355-367.
- Belsky, J. (1999). *The psychology of aging*. Pacific Grove CA: Brooks/Cole Publishing Company.
- Bradley, M., & Lang, P. (2000). Measuring emotion: Behavior, feeling, and physiology. In R. D. Lane & L. Nadel (Eds.), *Cognitive neuroscience of emotion* (pp. 242-276). Oxford: Oxford University Press.
- Campelos, I. (2006). *A ansiedade e o medo da morte nos profissionais de saúde*. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa. Porto.
- Chen, J. (1992). An analysis of nurses' attitude change toward death and dying as affected by death education intervention. Doctoral dissertation, Drake University. *Dissertation Abstracts*, 53, p. 3398.
- Clements, R. (1998). Intrinsic religious motivation and attitudes toward death among the elderly. *Current Psychology*, 17, 237-248.
- Concone, M. (1983). Vestibular de anatomia. In: Martins, J. *A morte e os mortos na sociedade brasileira* (p.25-37). São Paulo: Hucitec.
- Conte, H., Weiner, M. & Plutchic, R. (1982). Measuring death anxiety: Conceptual, Psychometric and factor-analytic aspects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43(4), 775-785.
- Coop, G. (1994). Palliative care nursing education: a review of research findings. *Journal of Advanced Nursing*, 19, 552-557.
- Depaola, S., J. Griffin, M., Young, J., R. & Neimeyer, R., A. (2003). Death anxiety and attitudes toward the elderly among older adults: the role of gender and ethnicity. *Death Studies*, 27,(4), 335-354.
- Dittmar, W. H. (1991). *Um estudo sobre a prevalência de distúrbios psiquiátricos entre os sepultadores do Serviço Funerário do Município de São Paulo*. São Paulo. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Medicina. Universidade de S. Paulo, S. Paulo Brasil.
- Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Feifel, H. (1956) Older persons look at death. *Geriatrics*, 11, 127-130
- Feifel, H. (1969). Perceptions of death. *Annals of New York Academy of Sciences*, 164, 669-677.
- Feifel, H., & Branscomb, B. A. (1973). Who's Afraid of Death? *Journal of Abnormal Psychology*, 81, 282-288.
- Feifel, H. & Nagy, V. (1980). Death orientation and life threatening behaviour. *Journal of Abnormal Psychology*, 89 (1), 38-45.
- Fernandes, P., D. (2010). *Representação social da morte em contexto militar*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação - Formação Pessoal e Social, apresentado à Universidade de Aveiro, Aveiro Portugal.
- Fortner, V. & Neimeyer R. (1999). Death anxiety in older adults: a quantitative review. *Death Studies*, 23, 387-411.
- Gorer, G. (1955). The Pornography of Death. *Encounter*. 4.
- Harrowood, L., White L., Benschoff J. (2009). Death anxiety in a national sample of United States funeral directors and its relationship with death exposure, age, and sex. *Omega*. 58(2), 129-146.
- Hooper, T. & Spilka, B. (1970). Some meanings and correlates of future time and death among college students. *Omega*, 1, 49-56.

- Horochovski, M. (2008). *Memórias de Morte e Outras Memórias: lembranças de velhos*. Dissertação de Doutorado apresentada à Universidade Federal do Paraná, Curitiba Brasil.
- Instituto Nacional Estatística (2010). *Classificação Portuguesa das Profissões*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística I.P.
- Kaye, J. (1991). Will a course on death and dying lower students death and dying anxiety? *Journal of Cancer Education*, 6(1), 21-24.
- Kastenbaum, R., & Costa, P. (1977). Psychological perspectives on death. *Annual Review of Psychology*, 28, 25-249.
- Kastenbaum, R. & Aisenberg, R. (1972). *The Psychology of Death*. New York: Springer (trad. Port: *Psicologia da morte*. Universidade de São Paulo: Novos Umbrais.
- Koenig, H., McCullough, M., & Larson, D. (2001). *Handbook of religion and health*. Oxford: University Press.
- Koocher, G. P., O'Malley, J. E., Foster, D., & Gogan, J. L. (1976). Death anxiety in normal children and adolescents. *Psiquiatria Clínica*, 9(3-4), 220-229.
- Kovács, J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Lda.
- Kroschus, J., Swarthout, D., & Tibbetts, S. (1995). Critical incident stress among funeral directors: Identifying factors relevant for mental health. *Journal of Mental Health Counseling*, 17, 441-451.
- Kubler-Ross, E. (1998). *A roda da vida: memórias do viver e do morrer*. Rio de Janeiro: GMT.
- Lester, D. (1972). Studies in death attitudes . *Psychological Reports*, 30, 440.
- Lockard, B. (1989). Immediate, residual, and long-term effects of death education instructional unit on the death anxiety level of nursing students. *Death Studies*, 13, 137-159.
- Lopes, P.,M. (2013). *A relação entre a religiosidade e ansiedade perante a morte na velhice*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa Portugal.
- Magglío, C. e Robinson, S. (1994). The effects of death education on death anxiety: A meta-analysis. *Omega*: 29(4), 319-335.
- Marks, A. (1986). Race and sex differences and fear of dying. *Omega: Journal of Death and Dying*, 17, 229.
- Marques, P.(2000). *Ansiedade face à Morte. Uma Abordagem Psicológica e Educativa*. Acedido em: 20 jun. 2014 em em: <http://pcmarques.paginas.sapo.pt/Ansiedade.htm>
- Marreta, M. & Palaro, N. (2005). Agentes funerários: trabalho, significado, morte e enfrentamento. Comunicação de pesquisa no *I Congresso Latino-Americano da Psicologia*, São Paulo. Web site. Acedido a 12 Janeiro de 2014 em http://www.ulapsi.org/cdrom/portugues/area_5.php?area=30&subarea=33&tipo=PESQ&codigo=723
- Miles, M. (1980). The effects of a course on death and grief on nurses attitudes toward dying patients and death. *Death education*, 4(3), 245-260.
- Morin, E. (1988). *O Homem e a Morte* (2ª ed.). Mem-Martins: Publicações Europa América.
- Neimeyer, R. A., & Dingemans, P. (1980). Death orientation in the suicide intervention worker. *Omega*, 11, 15-23.
- Neimeyer, R., Wittkowsky, J., Moser, R. (2004). Psychological research on death attitudes: An overview and evaluation. *Death Studies*, 28, 309-340.
- Oliveira, A. (1999). *O desafio da morte – convite a uma viagem interior*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Pestana, M. H. e Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para Ciências Sociais: a complementaridade do SPSS* (5ª Ed). Lisboa: Silabo.
- Popoff, D. (1975). What are your feeling about death and dying? *Nursing*, 5. 15-24.
- Rebelo, J.,E. (2004). *Desatar o nó do luto*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Vaz Serra, A. (1980). O que é a Ansiedade? *Psiquiatria Clínica*, 8(1), 17-25.
- Viegas, A. (2010). *Ansiedade Face à Morte e Bem-Estar Subjetivo em Agentes Funerários*. Dissertação de Mestrado apresentada ao ISPA, Instituto Universitário Lisboa Portugal.

Wong, P. (2002). *From death anxiety to death acceptance: a meaning management model*. Keynote address delivered at the Conference on Life and Death Education in National Changhua University of Education Taiwan.

Santos, C., (2009). *O papel da Religiosidade na Ansiedade Face à Morte*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Universidade Fernando Pessoa Porto, Portugal.

Schopenhauer, A. (2000). *Metafísica da Morte*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes.

Sebastião, V. (2009). A Implementação de um consultório de Psicologia clínica numa Empresa do Sector Funerário. *Psicologia Y Sociedad: Siglo XXI, Competencias Relacionales. Internacional Journal of Development and Educational Psychology, 1(4)*, 403-414.

Simões, A., & Neto, F., (1994). Ansiedade face à morte. *Revista Portuguesa de Pedagogia, 28(1)* 79-96.

Templer, D., I., Ruff, C., F., & Franks, C., M. (1971). Death anxiety: age, sex and parental resemblance in diverse populations. *Developmental Psychology, 4*, 108.

Templer, D., I. & Ruff, C., F. (1975). The relationship between death anxiety and religion in psychiatric patients. *Journal of Thanatology, 3*, 165-168.

Thorson, J., A. & Powell, F., C. (1991). Medical students' attitudes towards ageing and death: A cross-sequential study. *Medical Education, 25*, 32-37.

ANEXO 1



Classificação Portuguesa 2010
das Profissões

Edição 2011



ESTRUTURA

The image features a solid light pink background. In the center-right area, there is a graphic composition of overlapping rectangular shapes in various shades of pink and magenta. A thin black horizontal line extends from the right side of the central vertical stack of shapes. The word "ESTRUTURA" is printed in a bold, magenta, sans-serif font, positioned to the right of the central vertical stack and above the horizontal line.

GRANDE GRUPO	SUB-GRANDE GRUPO	DESIGNAÇÃO
4		PESSOAL ADMINISTRATIVO
	41	Empregados de escritório, secretários em geral e operadores de processamento de dados
	42	Pessoal de apoio directo a clientes
	43	Operadores de dados, de contabilidade, estatística, de serviços financeiros e relacionados com o registo
	44	Outro pessoal de apoio de tipo administrativo
5		TRABALHADORES DOS SERVIÇOS PESSOAIS, DE PROTECÇÃO E SEGURANÇA E VENDEDORES
	51	Trabalhadores dos serviços pessoais
	52	Vendedores
	53	Trabalhadores dos cuidados pessoais e similares
	54	Pessoal dos serviços de protecção e segurança
6		AGRICULTORES E TRABALHADORES QUALIFICADOS DA AGRICULTURA, DA PESCA E DA FLORESTA
	61	Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e produção animal, orientados para o mercado
	62	Trabalhadores qualificados da floresta, pesca e caça, orientados para o mercado
	63	Agricultores, criadores de animais, pescadores, caçadores e colectores, de subsistência
7		TRABALHADORES QUALIFICADOS DA INDÚSTRIA, CONSTRUÇÃO E ARTÍFICES
	71	Trabalhadores qualificados da construção e similares, excepto electricista
	72	Trabalhadores qualificados da metalurgia, metalomecânica e similares
	73	Trabalhadores qualificados da impressão, do fabrico de instrumentos de precisão, joalheiros, artesãos e similares
	74	Trabalhadores qualificados em electricidade e em electrónica
	75	Trabalhadores da transformação de alimentos, da madeira, do vestuário e outras indústrias e artesanato

GRANDE GRUPO*	SUB-GRANDE GRUPO*	SUB-GRUPO*	GRUPO BASE ⁽¹⁾	PROFISSÃO	DESIGNAÇÃO
				5142.2	Massagista de estética
				5142.3	Manicura, pedicura e calista
				5142.4	Outros trabalhadores similares aos esteticistas
		515			Governante doméstico e encarregados de limpeza e de trabalhos domésticos
			5151	5151.0	Encarregado de limpeza e de trabalhos domésticos em escritórios, hotéis e outros estabelecimentos
			5152	5152.0	Governante doméstico
			5153	5153.0	Porteiro de edifícios
		516			Outros trabalhadores dos serviços pessoais
			5161		Astrólogos, adivinhadores e similares
				5161.1	Astrólogo
				5161.2	Adivinhador e similares
			5162	5162.0	Pessoal de companhia e ajudantes de quarto
			5163		Agentes funerários e embalsamadores
				5163.1	Agente funerário
				5163.2	Embalsamador
			5164	5164.0	Prestador de cuidados a animais
			5165	5165.0	Instrutor de condução
			5169	5169.0	Outros trabalhadores dos serviços pessoais, n.e.
	52				Vendedores
		521			Vendedores ambulantes e em mercados
			5211	5211.0	Vendedor em quiosque e em mercados
			5212	5212.0	Vendedor ambulante de produtos alimentares
		522			Vendedores em lojas

“*” Níveis idênticos à CIP/2008

⁽¹⁾ Grupos Base sem correspondência directa com CIP/ISCO/2008

5161.2 Adivinhador e similares

Compreende as tarefas e funções do adivinhador e similares que consistem, particularmente, em:

- Interpretar características dos clientes, em particular a partir da análise da palma das mãos e posição das borras de café deixadas na chávena, folhas de chá, cartas e búzios, para prever acontecimentos futuros
- Fornecer avisos e conselhos sobre diversos rumos que o cliente pode seguir e as precauções a tomar a fim de evitar influências do mal.

Inclui, nomeadamente, quiromante, cartomante e tarólogo.

5162 Pessoal de companhia e ajudantes de quarto

5162.0

Compreende as tarefas e funções do pessoal de companhia e ajudantes de quarto que consistem, particularmente, em:

- Fornecer serviços de companhia a pessoas, nomeadamente, acompanhamento, leitura, conversação e jogos de passar o tempo
- Tratar do guarda-roupa e acessórios pessoais do empregador
- Receber as visitas em casas do empregador.

Não inclui:

- *Governante doméstico (5152.0)*

5163 Agentes funerários e embalsamadores

Compreende as profissões de agente funerário e embalsamador, com especial incidência na preparação de funerais e embalsamação de animais.

5163.1 Agente funerário

Compreende as tarefas e funções do agente funerário que consistem, particularmente, em:

- Organizar funerais e transladações, contactar a família do defunto e informar-se do tipo de funeral pretendido
- Recolher dados sobre o defunto para publicar avisos fúnebres, obter alvarás de transladação ou outros documentos
- Colaborar na escolha da urna, sepultura, flores e na organização do serviço religioso
- Dar instruções aos auxiliares sobre o serviço fúnebre a efectuar.

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO SOCIO-DEMOGRÁFICO

Este questionário surge no âmbito da elaboração de uma tese de Mestrado em Psicologia Clínica, sobre a Ansiedade face à morte nos Agentes Funerários

Neste sentido solicito a sua colaboração, bem como o seu consentimento informado no preenchimento dos questionários que junto se anexam.

As respostas são anónimas e confidenciais, e os dados obtidos destinam-se exclusivamente ao estudo em causa.

Obrigado pela sua colaboração e disponibilidade

Data de aplicação: _____/_____/_____

A) DADOS PESSOAIS

1. Idade _____ anos

2. Género Masculino Feminino

3. Residente em (localidade) _____

4. Nacionalidade Portuguesa Outra

5. Religião Sim Não

6. Nível de Escolaridade

Ensino Primário

Ensino Básico

Ensino Secundário

7. Estado Civil

Solteiro

Casado/ União de facto

Viúvo

Ensino Universitário

Divorciado

8. Tem Filhos?

Sim

Não

DADOS PROFISSIONAIS

9. Frequentou algum curso de formação profissional especializada sobre o trabalho funerário?

Sim

Não

10. O facto de ser agente funerário alterou a sua perspectiva sobre a morte?

Sim

Não

11. Há quanto tempo trabalha no sector funerário? _____ anos

12. Que funções desempenha na Empresa Funerária?

Técnico comercial

Técnico operacional

Outra

13. Em média de quantos funerais se ocupa por mês?

Nenhum

1-10

11-20

21-30

31-40

41-50

51-60

mais de 60

14. Contacta os familiares dos defuntos no âmbito das suas funções?

Sim Não

OUTROS DADOS

15. Já faleceu alguém significativo para si?

Sim Não

Quem?

Pai/mãe <input type="radio"/>	Cônjuge <input type="radio"/>
Filho(a) <input type="radio"/>	Outro Familiar significativo <input type="radio"/>
Amigo <input type="radio"/>	Colega <input type="radio"/>

16. Há quanto tempo perdeu o familiar/pessoa significativa?..... meses/anos

17. Como avalia a sua capacidade para lidar com a perda desse familiar/pessoa significativa?

Muito boa	1 <input type="radio"/>
Satisfatória	2 <input type="radio"/>
Medíocre	3 <input type="radio"/>
Má	4 <input type="radio"/>

ANEXO 3

QUESTIONÁRIO DE ANSIEDADE FACE À MORTE

Weiner&Plutchic (1982), adaptado por Simões & Neto (1994) e readaptado por Barros (1997)

Este questionário procura sondar algumas atitudes face à morte.

Responda sincera e espontaneamente a todas as perguntas, conforme aquilo que verdadeiramente sente e não como gostaria de ser. Não há respostas boas ou más; todas são boas, se sinceras.

O questionário é anónimo. Obrigado pela sua colaboração.

Faça um círculo (só um em cada resposta) em volta do número que melhor corresponda à sua situação (se possível, evite o “mais ou menos”), conforme esta chave:

- 1 = totalmente em desacordo (absolutamente Não)
- 2 = bastante em desacordo (Não)
- 3 = Nem de acordo, nem em desacordo (mais ou menos)
- 4 = Bastante de acordo (Sim)
- 5 = Totalmente de acordo (absolutamente Sim)

1. Preocupo-me com a morte..... 1 2 3 4 5
2. Aflige-me pensar que posso morrer antes de fazer tudo o que queria.... 1 2 3 4 5
3. Preocupo-me quando penso que posso ficar gravemente doente, durante muito tempo, antes de morrer.....1 2 3 4 5
4. Aflige-me pensar que os outros me podem ver sofrer antes de morrer ...1 2 3 4 5
5. Preocupa-me a ideia de as pessoas mais chegadas a mim não estarem presentes na hora da minha morte.....1 2 3 4 5
6. Aflige-me o pensamento de perder a razão (de enlouquecer) antes de morrer.....1 2 3 4 5
7. Preocupa-me pensar que as despesas com a minha morte podem vir a ser um peso para as outras pessoas.....1 2 3 4 5
8. Fico perturbado ao pensar que, com a morte, vou deixar aqueles que amo..... 1 2 3 4 5
9. Fico preocupado ao pensar que as pessoas que me são queridas podem não se lembrar de mim, depois da minha morte.....1 2 3 4 5
10. Preocupa-me pensar que com a morte posso desaparecer para sempre.....1 2 3 4 5
11. Preocupa-me não saber o que me espera depois da morte.....1 2 3 4 5

ANEXO 4

M Tese de Mestrado - luis.m x

← → ↻ <https://mail.google.com/mail/u/0/?tab=wm#search/pccarreira%40servilusa.pt/1448e778400ed0ca>

Google pccarreira@servilusa.pt

luis.matoscabo@gmail.com

Clique aqui para ativar as notificações no ambiente de trabalho para o Gmail. Saiba mais Ocultar

Gmail - Mover para caixa de entrada Mais 6 de cerca de 27

COMPOR

Caixa de entrada (2...)

Com estrela

Importante

Correio enviado

Rascunhos (20)

ACADEMICA BAS...

Ana Santos

AnaRita (13)

Banco

CDTI

CéliaC

Chico Simões

coimbra

Concursos

Emailatos

Expresso

FCLeal

Muito boa tarde Dr Paulo Carreira

Estou a finalizar (quero acreditar) o meu Mestrado em Psicologia Clínica. Estou a tentar ultimar a Tese, que tem como titulo "Ansiedade Face à Morte nos Agentes Funerários". Em anexo envio dois questionários que pretendia utilizar (um Questionário Socio Demográfico - construído por mim, e um Questionário de ansiedade face à morte, validado para Portugal e com autorização do "readaptador"), nos profissionais , comerciais e operacionais da Servilusa.

Venho por este meio pedir permissão para o poder fazer.

Atentamente

Questionários (socio demográfico e Ansiedade)

Luis Matos Cabo

Paulo Carreira <pccarreira@servilusa.pt> para mim, Paulo 5/03 ☆ ↶ ↷

Caro Luis Cabo,

Pode avançar com o seu estudo. No envio sugiro que faça uma breve explicação e que tem a respectiva autorização da direcção, para além de garantir o anonimato, claro.

Não querendo ser pretensioso, faço uma pequena observação, a preocupação de deixar filhos ou outros dependentes não constitui um factor de ansiedade face à morte? Refere o facto de deixar coisas por fazer mas não se refere deixar pessoas dependentes.

Boa sorte.

Cordialmente,

Pessoas (3)

Paulo Carreira
pccarreira@servilusa.pt
Mostrar detalhes

Anúncios

KNORR
Knorr tem gosto em ajudar
Molho de Cervejeira Knorr. Um molho irresistível!

Ás de Saber - Formação
Formação certificada no Parque das Nações. Explicações.
asdesaber.pt

Formação em Coaching
E-Estratégico, Business & Coaching, Empowering People!
www.e-estrategico.com

Formação de Formadores
A partir de 149 €
Acesso CCP/CAP, 21 754 11 84

12:07
21/09/2014

ANEXO 5

Firefox Questionário de Ansiedade face à Morte...
https://mail.google.com/mail/u/0/?shva=1#inbox/14453585c0a53713

Mais visitados Primeiros passos Últimas notícias Gmail CV%20LMC%20Set%2... https://fbstatic-a.aka...

Google luis.matoscabo@gmail.com

Clique aqui para ativar as notificações no ambiente de trabalho para o Gmail. Saiba mais Ocultar

Gmail 6 de 2 861

COMPOR

Caixa de entrada (1 ...)

Com estrela

Importante

Encontra-se invisível. Tomar-me visível

Pesquisar pessoas...

- helder antunes
- MARIA LUISA SE...
- Mariana Marques
- Hugo Vaz
- Pedro Filipe
- Tozé Santiago
- carlos.farate
- Maria Augusta Br...
- Marta Lima
- Pedro Artur Portal...

para mim

Tens todas as licenças e mais alguma para utilizar essa escala. No meu livro VIVER A MORTE (Almedina) podes encontrar outras escalas relacionadas com a ansiedade face à morte. Bom trabalho e desejo de sucesso.
Barros de Oliveira

From: Luis José Cabo <luis.matoscabo@gmail.com>
Date: Fri, 21 Feb 2014 07:28:23 +0000
To: "Pe. Barros" <barros@cic.pt>
Subject: Questionário de Ansiedade face à Morte

Exmo Sr. Professor José Barros-Oliveira

O meu nome é Luis Matos Cabo, sou profissional da Empresa Servilusa, na area das Relações Institucionais e aluno do Instituto Superior Miguel Torga em Coimbra. Estou a frequentar o 2º ano de Mestrado em Psicologia Clínica e o tema da minha tese é "Ansiedade Face à Morte em Agentes Funerários".

Venho por este meio solicitar a permissão para utilizar o QUESTIONÁRIO DE ANSIEDADE FACE À MORTE de Weiner & Plutchic (1982), adaptado por Simões & Neto (1994) e readaptado por Barros (1997)

Agradecendo desde já toda a atenção, e disponível para prestar qualquer esclarecimento que entenda por necessário.

Atentamente

Pessoas (2)

Victor Sebastião
Aderir ao Google+

Anúncios

VODAFONE
Tv+Net+Voz
€24.9/mês

Preço garantido durante 2 anos. Adira já à Vodafone e comece a poupar!

trivago™ Hotéis Baratos
trivago™ Poupe até -78% em Hotéis Compare +190 Sites de Reservas! trivago.pt/Comparar-Preços-Hotéis

Passagens Aéreas Baratas
Compara os Vãos Disponíveis On-line e Aproveita de Preços Mais Baixos! www.jetcost.pt/Voos-Baratos

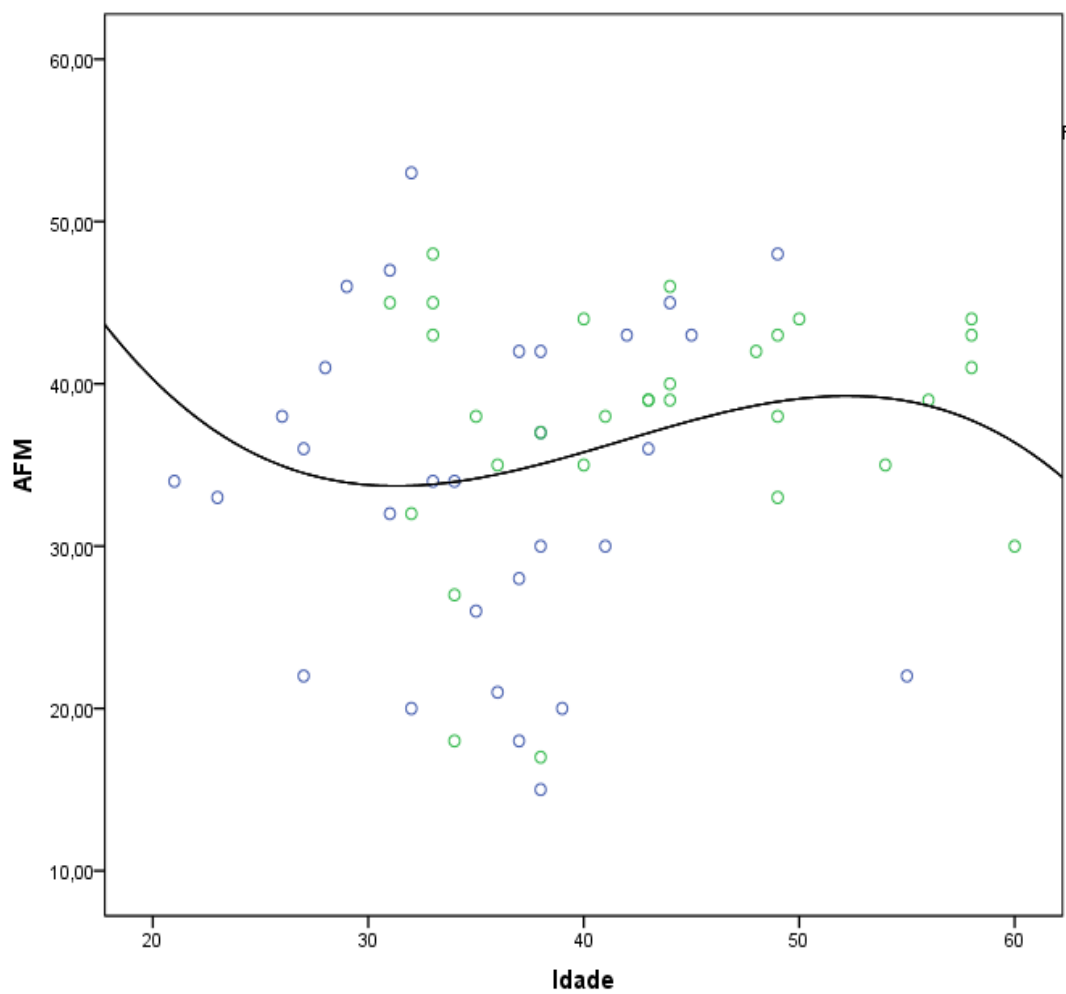
19:47
25-02-2014

ANEXO 6

	Média da escala excluído o item	Varição da escala excluído o item	Correlação item- total (corrigida)	Alpha de Cronbach se excluído o item
DAQ1	32,43	68,216	,593	,864
DAQ2	32,50	65,780	,635	,861
DAQ3	31,73	72,267	,507	,870
DAQ4	31,95	72,523	,459	,872
DAQ5	32,98	66,084	,638	,861
DAQ6	32,40	67,092	,603	,863
DAQ7	33,10	71,244	,439	,874
DAQ8	32,02	63,271	,770	,851
DAQ9	33,18	68,220	,612	,863
DAQ10	32,98	64,254	,685	,857
DAQ11	33,55	70,184	,450	,874

ANEXO 7

Movimento Curvilíneo



Movimento curvilíneo da ansiedade em face da morte: os indivíduos mais novos pontuam maior ansiedade, e volta a ter um ponto alto na meia idade, descendo a partir daí, para sujeitos de maior idade.